

## UMA VISÃO TRÁGICA NA POESIA RELIGIOSA MEDIEVAL

Delia Cambeiro

Delia.cambeiro@gmail.com

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

### **Imaginário medieval e lírica religiosa**

A história literária do século XIII apresenta uma produção bem mais numerosa do que o período anterior, além disso, com o surgimento das ordens mendicantes, a vida espiritual também fez-se mais ativa. O franciscanismo, sem dúvida, ao incutir nos espíritos o sentimento de fraternidade, de desprendimento por valores materiais, também influenciaria bastante a consciência leiga, redimensionaria angústias, dores, inquietações, alegrias existenciais do homem medieval.

O imaginário cultural da Idade Média, impregnado pelo firme desejo de fé, de esperança religiosa na vida futura plena de felicidade, pouco a pouco, propiciaria o aperfeiçoamento de um gênero de capital importância, para a sensibilidade e a expressão cultural: a lírica religiosa.

Apesar de numerosas, as produções líricas religiosas demonstravam rudimentar técnica mimética. Em tais composições se misturavam imaginação do cotidiano e configurações fantasiosas do mundo espiritual. Tal processo explica-se, talvez, por esses textos apresentarem ainda incipientes técnicas quanto ao processo de transformação do real. Mesmo que não se evidencie a efetiva preocupação de manifestarem artisticamente o mundo do sagrado, deve-se marcar sua importância histórica, por tratar-se não apenas de uma literatura edificante, mas já um representativo documento em língua “volgare”. E empregamos língua vulgar, como aquela derivada do latim, mas, já distanciada do latim clássico, utilizada no cotidiano das populações e de uso predominantemente oral.

Bem mais diversa, entretanto, é a obra do frade franciscano Jacopone da Todi (1230-1306), uma das criativas personalidades das origens da literatura italiana.

### **A lírica religiosa de Jacopone da Todi**

Jacopone eternizou-se, sem dúvida, como a mais importante personalidade poética das origens. Em seu perfil lírico-religioso, já se delineava a fisionomia de poeta, apesar de alguns vícios de linguagem, que, poucas vezes, sugerem aos leitores modernos as mesmas deficiências apontadas por críticos em obras de tempos anteriores. Suas laudas, não só pela fecundidade, mas pela técnica melhor desenvolvida, destacam-se daquelas compostas pelos que o antecederam.

Tem-se o caso de São Francisco de Assis, por exemplo, que, tocado pela revelação divina, criou seu extático e único documento de interessante colorido dialetal, louvando o Criador e as Suas criaturas. Mesmo que o poema tenha deixado marcas, por sua atmosfera de clara reverência ao Criador e à criação, sua importância está mais no âmbito religioso e cultural do que artístico-literário.

Vários outros clérigos compuseram poesias simples, reveladoras do sentimento edificante do tempo,



plenas de lendas, visões do outro mundo, persuasões cristãs, rigoroso ascetismo e zelo de religiosos, pois, visavam à vocação religiosa e à formação moral, não ao aprimoramento artístico.

Apesar de vários nomes de constarem dos anais da lírica religiosa italiana, na qualidade não de renovadores poetas, deve-se, entretanto, sublinhar terem composto documentos escritos em “língua vulgar”. As reflexões sobre o interessante perfil de Jacopone, pelo fato de que sempre despertou, e desperta ainda, no leitor a tentação de relacionar marcas individuais e temporais ao caráter universal e atemporal de sua poesia. As causas de sua dedicação à lírica religiosa vêm relatadas com registros de cunho histórico, nos manuais literários. Dá-se, no entanto, que, detalhes pessoais, apesar da necessária neutralidade crítica, suscitam instigantes analogias entre vida e vocação de poeta. De fato, o vínculo com o mundo particular é acentuado pelo fato de a poesia desse rebelde não revelar preocupações exclusivas de ordem religiosa, mas também moral e política.

A mais comentada passagem da existência de Jacopone – para alguns, quase uma lenda – relata a morte da mulher, entre os destroços de parte de uma casa, durante uma festa em que se encontravam. A reputação de marido aventureiro não o impediu, contudo, de experimentar profunda amargura, ao descobrirem um cilício, sob as vestes da mulher. Esse fato, provavelmente não apenas uma lenda, parece tenha convertido, de verdade, o então advogado tudertino, que se dedicou, a partir daí, com acentuado empenho, à poesia, à vida religiosa e moral. Convém assinalar, ainda, sua participação na corrente dos Espirituais franciscanos, de rígida orientação, e seu comportamento de oposição ao Papa Bonifácio VIII, que favorecia a corrente dos Conventuais, ou seja, os franciscanos mais tolerantes.

Durante sua prisão, endereçou aguda sátira contra seu oponente, chamando-o, em uma de suas composições “Locifero novello”, “lengua di blasfemia” e afirmando que o Sumo Pontífice levava vida escandalosa, como qualquer mortal. Ficou encarcerado de 1298 a 1303, sendo libertado pelo Papa Benedetto XI.

### **Medida e desmedida na lírica de Jacopone da Todi**

É certo que sua forte personalidade se refletiu em suas laudas com intemperança sentimental, com expressões tantas vezes exacerbadas, em que chegava a agradecer ou a desejar a dor, a fim de ver sanados seus males. O verbo inflamado culminou na agressividade expressa em algumas composições, nem todas muito fáceis de serem provadas quanto à autenticidade. Seu intenso misticismo, acrescido de inflamada prédica, geraram também verdadeiro fascínio. A unidade artística da obra de Jacopone da Todi se expressa, ironicamente, na desmedida tanto do pessimismo como na do misticismo.

Suas manifestações de excepcional temperamento de poeta é evidente, mas, tal desmedida – representada por excessiva humildade, fúria e “divina pazzia” – enfraquece em alguns momentos o poder das palavras, frequentemente repetidas e, portanto, esvaziadas da carga semântica.

A lírica de tema pessimista e místico são marcadas por tal vício poético. Nas primeiras composições, o Eu lírico imprime, em geral, a ideia de humilhações e destruição da carne. Já as de tonalidade mística ficaram



encharcadas de excessivo desejo de ultrapassagem do estado físico e de conseguir uma difícil união total com o mundo do divino. Assim, em tais laudas, interferem imprecisões realistas e idealistas, sugerindo uma certa dificuldade de cantar a exaltação de sua alma ansiosa de sagrado, frente às vulgaridades e às tristezas mundanas.

É de consenso a visão crítica de que as *laudadas* de exaltação da divindade encerram maior peso poético do que as de recusa da vida material. Marcantes mostram-se aquelas plenas de ardor, de verdadeira embriaguez mística, pois foram trabalhadas com palavras ao mesmo tempo vigorosas e ternas. Com certeza, Jacopone é melhor poeta quando consegue ultrapassar o objetivo único de expressar-se em impalpável abstração mística, ou em doloroso realismo pessimista. Talvez por isso, sua poesia *Pianto de la Madonna de la passione del figlio Jesù Christo*, escrita em vulgar e em forma de drama, misture tons pessimistas e sentimentais, sem atirar-se a escatológicos termos e imagens.

Alguns historiadores da literatura italiana discutem o patrimônio lírico construído por Jacopone, afirmam pertencerem suas poesias mais à história religiosa do que à história da literatura. No entanto, especialistas da obra do poeta franciscano também afirmam que sua lírica já assinala, já prenuncia tematicamente a ópera de Dante Alighieri. A defesa da obra do tudertino baseia-se no fato de que também o autor da *Comédia*, opondo-se da mesma forma à corrupção humana e tomado pelo sentimento da perfeição divina, exprimiu em arte de concepção mais elaborada e incomparável os mesmos sentimentos que moveram a criação poética em Jacopone.

### **Breve olhar sobre a questão dos gêneros**

Desde a Antiguidade, os gêneros literários provocam inúmeras polêmicas quanto ao problema da conceituação. Platão é estimado como sendo a primeira consciência a se despertar para essa questão, entretanto, a *Poética*, de Aristóteles, formulou o estudo dos gêneros refletindo seus pontos formais e contedísticos.

Muitos são os juízos dirigidos aos critérios aristotélicos da célebre divisão lírico, épico e dramático, por dificultar a classificação de certas obras. Ao longo dos séculos, inúmeras e rigorosas discussões tentaram a revisão dos “modelos” propostos pelo filósofo, entretanto, a sua *Poética* continuou texto básico na questão dos gêneros.

No séc. XX Emil Staiger, em seu famoso livro *Conceitos fundamentais da poética*, apesar de não interferir na célebre divisão tripartida, aborda a matéria com grande inovação, conceituando os gêneros substantiva ou adjetivamente. Os substantivos lírica, épica e drama são classificações relativas à forma; já a adjetivação lírico, épico e dramático busca uma definição quanto à essência, ao estilo da obra. Com a perspectiva filosófica da linguagem de Staiger formula-se efetivamente a possibilidade de o texto literário participar de um gênero por sua especificidade, de outro por sua atmosfera.

Durante a leitura das laudas de Jacopone da Todi, percebe-se, com base nos conceitos acima sintetizados, a existência de sugestões trágicas em parte da lírica religiosa do rebelde franciscano. Tal é o caso



do texto “*De la contemplazione de la morte ed incinerazione contro la superbia*”, pertencente ao seu laudário.

### **A humana experiência do trágico na lírica de Jacopone da Todi**

Para se considerar um elemento trágico nessa laude, ou em outro texto lírico, é importante compreender a literatura como uma visão aberta da existência. Tal entendimento a respeito do fenômeno literário enriquece, ainda mais, a investigação sobre o tema proposto para este artigo.

Da mesma forma que a tradição crítica situa a tragédia como derivação do estilo dramático, também pode-se refletir sobre alguns acontecimentos ou certa visão de mundo e denominá-los trágicos, sem que correspondam ao gênero específico. Essa seria uma forma de tentar alcançarem-se marcas universais da experiência e do autoconhecimento humanos.

O trágico, em verdade, evidencia um acontecimento triste, uma perda irreparável, uma condição irreversível. O termo distingue e enobrece situações que expressam uma fundamental contradição entre os mais profundos desejos de plenitude do ser humano e o universo em que ele vive e é derrotado. O termo *trágico*, portanto, é passível de ser aplicado em relação à vida e à literatura. Para o campo existencial, trágico sugere, então, um desacordo entre o homem e o mundo previsto e expresso de forma dolorosa, com angústias a respeito do lugar do homem no universo e as tensões daí derivadas.

Compreendido dessa maneira, o trágico não se mostra apenas um conceito estético, mas uma categoria metafísica, capaz de descrever ou insinuar um estado da condição humana. Assim, o horizonte de interpretação trágica estende seu campo de visão, vagando do estético para o antropológico e metafísico. Seu enfoque torna-se psicológico, não define unicamente, como se vê, o gênero literário, mas a essência da condição humana, tantas vezes implicada em contextos catastróficos. A laude proposta neste trabalho será comentada sob essa ótica.

Tal poesia alude à desmedida entre o humano e o divino que se expressa no desprezo do Eu lírico pela vida, pela vaidade, pela miséria de homens aviltados na corrupção da carne. Essa condição gera ambições corruptas, sugerindo ser o poema um *memento homo*, em que se encontram temas e imagens típicas da Idade Média, tais como, o triunfo da Morte, apresentado de forma horrenda, grotesca, pela atmosfera sarcástica. Com a linguagem utilizada sob tal ambiência, o Eu poético corta, destrói qualquer tentativa de delicadeza referente às coisas humanas, à vida terrena, que, a seus olhos, revelam o pecado irreparável, mas possível de ser perdoado, por meio do arrependimento e da simplicidade de alma.

Na referida lauda, o Eu lírico aponta para uma outra dimensão da existência, afastada das vulgaridades mundanas, princípio gerador de egoísmos e de fantasias que levam o homem à perdição. A perda da alma é um dos temores do homem medieval, que deveria pisar na Terra preocupado em ganhar e não perder sua vida futura.

A lauda se desenvolve na forma de contraste entre a voz de um vivo dirigindo-se a um morto. O tom do severo interlocutor poético se choca com o do humilde e resignado homem, que, mesmo tardiamente, encontrou a verdade da vida. Já no título do poema, a palavra *incinerazione* significa um ato de humildade, em





que se espargem uma certa quantidade de cinzas sobre a cabeça.

A resignação, a existência de um caminho único de salvação, o resultado irreparável e irreversível, quando não observadas essas regras, formam a atmosfera trágica disseminada no poema.

Deve-se sublinhar a linguagem empregada nessa lauda, reforçando a semântica trágica relativa à alma que não pode mais salvar-se pela impossibilidade de sair das trevas do mal e do pecado, portanto, a extrema tensão dessa alma permanece inconciliável.

Todos os pontos destacados durante a breve leitura da citada lauda de Jacopone da Todi e a sintética consideração teórica a que se procedeu sugerem que, de fato, perpassa em sua lírica uma humana experiência do trágico. A maneira como tal experiência foi vivida e expressa em versos empresta outro significado à obra do franciscano. Sob esse prisma de investigação, certamente ela se desvela de forma diversa para o olhar crítico de especialistas ou apenas para o de simples leitores amantes da arte, da cultura e da literatura da Idade Média, nesse robótico século XXI.





## REFERÊNCIAS

LIBERA, Alain de. *Pensar na Idade Média*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1999.

MOST, Glenn W. “Da tragédia ao trágico” in Rosenfield K. H. (org.). *Filosofia & literatura: o trágico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

STAIGER, E. *Conceitos fundamentais da poética*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1982.

